

A NOVA VIDA DE UM RESSUSCITADO

Corria o ano de 1944, dia 17 de junho, nascia em Vila Isabel, bairro da cidade do Rio de Janeiro, de parto normal, daqueles que aconteciam em casa com a participação de uma "parteira", o personagem desta história que iremos chamar de "Juvenal" (nome fictício).

Juvenal foi o caçula de seis irmãos, nascera na data citada acima e já sem pai, pois o seu pai, de quem herdou o nome, faleceu em abril do mesmo ano, portanto, dois meses antes de seu nascimento.

Cresceu em meio a muitas dificuldades, já que a ausência do pai desestruturou toda a família. Mas o pior ainda estava por acontecer, sua mãe, vendo-se desamparada com seis filhos, procurou alguém em busca de um pouco mais de segurança. Juntou-se a um homem de natureza rude, até mesmo violenta, que por motivos banais lhe aplicava severos castigos, isso sem falar nas surras impiedosas a que o submetia. Assim sendo, suas irmãs, por serem mais velhas, saíram de casa bem jovens em busca de liberdade. Nesse caso, Juvenal nada podia fazer, pois era muito criança e por isso passou por maus pedaços, inclusive fome.

Em idade escolar tinha que dividir os sapatos com seu irmão, dois anos mais velho, cada um ia com um pé calçado e o outro, descalço, era amarrado com um pano para simular estar machucado. Sem contar as dificuldades com o uniforme, material escolar necessário, que, pela sua falta, ocasionava atrasos na compreensão das matérias e que o fazia ser o alvo preferido de constantes gozações por parte de seus colegas. Por esse motivo, acabou sendo suspenso por ter agredido a um coleguinha que costumava humilhá-lo, devido a sua condição social precária.

Logo cedo, aos oito anos, começou trabalhando em feiras-livres fazendo pequenos carretos, em casas de família limpando caixas de gordura, vareando, etc..., até encontrar um trabalho de carteira assinada aos quatorze anos, onde era office-boy. Antes de completar um ano nesse trabalho, seu padrinho, homem digno, amigo e que de certa forma adotara Juvenal como seu filho, arranhou-lhe uma vaga numa estatal do governo, também como Office-boy. Bendito foi esse dia para Juvenal, que trilhou um caminho de sucesso dentro do serviço público. Antes de seus 22 anos de idade, já havia sido promovido a Escrivão.

Tudo caminhava muito bem dentro do previsto, o tempo foi passando, até que a bebida começou a fazer parte da vida de Juvenal. Logo ele, que sempre se mostrara desinibido, falante, alegre e admirado por todos à sua volta. Da mesma maneira como progrediu na escalada profissional, começou a descida para o inferno. Inferno agora com nome: "bebida alcoólica"!

Das pequenas faltas ao serviço por estar de ressaca até as primeiras quedas nas ruas completamente embriagado, foi lenta e dolorosa. A família, resumida a quatro filhos, que foram abandonados pela própria mãe, agora estavam aos cuidados da avó, mãe de Juvenal. Eles resgatavam, constantemente, o pai caído pelas sarjetas. Os compromissos de responsabilidade agora já não eram mais saudados, já que o dinheiro era escasso. Seu destino, invariavelmente era o botequim, esse sim, estava sempre em dia com a contribuição do Juvenal. A partir daí, por falta de pagamento, aconteceram vários despejos, cortes de energia, dificuldades para vestir, calçar e alimentar os próprios filhos, todos inocentes desta tragédia. Um dia, chegava em casa embriagado e sua sofrida mãe o colocou na cama, trancou a porta e o deixou caído na cama. Lá pelas tantas, Juvenal acordou e como um alucinado, sedento por conseguir mais bebida, implorou a sua mãe que o deixasse sair, já que só ela tinha a chave do barraco, por medida de segurança. Ela costumava prender a chave num barbante e o colocava em seu

pescoço. Juvenal, com a negativa de sua mãe, entrou em desespero, afinal, precisava tomar mais uma e assim, como ela continuava insistindo em negar abrir a porta, não se conteve, partiu para a mãe rasgou-lhe o roupão que usava e num puxão arrancou-lhe do pescoço a chave que tanto necessitava para sair à busca de mais bebida. Dia seguinte, ao acordar e sem lembrar de nada do que havia feito, foi duramente criticado por seus parentes e vizinhos, visto que, por sua culpa, sua mãe fora internada no hospital do Andaraí, do Rio de Janeiro, vitimada por um AVC (derrame) que a deixou paralisada do lado direito do corpo. E alguns anos mais tarde, essa viria a ser a causa de sua morte.

A partir de então, sua vida que já era bastante complicada e, agora sem a sua mãe para dar assistência a seus filhos, ficou dramática e Juvenal passou a buscar na bebida o consolo para suas frustrações e impotência. Passava dias seguidos se embriagando sem se dar conta do tempo e de suas obrigações, não foi demitido do serviço público por conhecerem a dependência de seus filhos desse pai e também para não condená-los a um sofrimento muito maior e assim, penalizados com a situação deles, acabavam por abonar constantemente as suas faltas. Até que em determinado momento, como nada mais podia ser feito, encaminharam Juvenal para o serviço de licenças médicas e lá foi afastado por três anos, em escalas bimestral e trimestral, quando era reavaliado pelos médicos.

Dado como portador de insanidade mental (aliás, sintoma comum de um alcoólico) acabou internado por quatro vezes no Hospital Pinel de Botafogo.

Invariavelmente, quando saía das internações parecia voltar à bebida com maior voracidade e irresponsabilidade. Chegando ao ponto de passar noites em tribos de alcoólatras que dormiam embaixo de marquises, praças e ruas. Era um verdadeiro morto-vivo.

E foi num desses apagamentos em que acordou deitado num banco de uma rua do centro da cidade, sem dinheiro, sem sapatos, sem o relógio, e caminhou sem destino e finalmente chegou a sua casa. Seus filhos o receberam e logicamente, Juvenal não agüentando de fraqueza voltou a apagar, vítima do sono, da ressaca e da falta de alimentos. Um de seus filhos de oito anos de idade, ao verificar em suas vestes se havia dinheiro, encontrou um cartão em seu bolso e nele estava impresso o seguinte: "Se o seu caso é beber, o problema é seu. Se o seu caso é parar de beber, o problema é nosso", na frente dava como referência a Primeira Central de Serviços de A.A – Rua Senador Dantas 117 – 21º andar e o respectivo número de telefone. Seu filho, vítima de toda aquela tragédia provocada pela maneira descontrolada de beber do pai, logo se interessou e entrou em contato com o número indicado e foi informado de que o caso de seu pai era igual a tantos outros chefes de família que lá estavam e que, por certo, havia esperança sim para o caso de seu pai, no entanto, havia necessidade de que ele fosse até lá para que pudessem ajudá-lo. Portanto, depois de insistentes apelos, Juvenal resolveu atender seu filho e finalmente se dirigiu ao Grupo da Senador Dantas (Coragem), no centro da cidade. Era um dia cinco de março de 1976, uma sexta-feira, onde se encontravam quarenta e seis companheiros. Esse dia foi um marco na vida de Juvenal. Era o começo da ressurreição de um morto-vivo, totalmente abatido, desmoralizado e escravizado pelo álcool.

Diante dos companheiros que sofriam do mesmo mal, informaram a Juvenal ser o alcoolismo doença física, mental e espiritual, mas também, incurável, progressiva e que se não fosse detida a tempo, poderia levar morte, o que no caso de Juvenal já estava prestes a acontecer. Juvenal ouviu atentamente a todos que a ele se dirigiram e a frase que mais repetiram foi: "EVITE O PRIMEIRO GOLE" a qualquer custo, pois um é

muito e mil não chegam, "FREQUENCIA DE REUNIÕES" pois sozinho fica muito difícil. Foi informado também, de que em A.A não tem vigia e que no seu caso, a sua consciência faria a vigilância da sua mão.

Juvenal deixou o Grupo incrédulo, parecia estar em outra dimensão, ninguém lhe falara com ar de superioridade, ao contrário, mostraram-se dispostos a compartilhar com ele as suas experiências, alguns até lhe deram o numero de seus telefones para estimulá-lo a retornar e continuar tentando, e um outro o presenteou com uma literatura, o livro "Viver Sóbrio".

Mas não parou ai, em seguida, o fizeram entender a necessidade de pautar a sua vida, até então errada, no programa de Doze Passos e sugeriram a necessidade de uma mudança completa e radical.

Assim, nosso personagem vem fazendo até os dias de hoje, evitando o primeiro gole, freqüentando as reuniões e procurando transmitir aos que chegam a Irmandade em busca de ajuda, tudo que lhe foi transmitido, baseado nos princípios de recuperação de Alcoólicos Anônimos.

Hoje, Juvenal se julga o mais feliz dos homens, recuperou a dignidade, cresceu no mesmo serviço público, onde iniciou e foi aposentado com proventos que lhe permitem levar uma vida tranqüila, até porque não há mais gastos com bebidas alcoólicas ou outro tipo de dependências.

Por tudo que viveu nessa vida, Juvenal agradece a DEUS primeiramente e a Alcoólicos Anônimos, representado por todos esses irmãos antigos e novos, por terem ressuscitado aquele morto-vivo, que chegou a essa Irmandade aos trinta e um anos de idade, completamente destruído e ainda teve tempo para poder saborear até aqui, essa meia vida com muita qualidade e alegria de viver. Por tudo isso, Juvenal dá valor a cada vinte e quatro horas de sua nova vida e encontra na razão direta do irmão que ainda sofre do mesmo mal, a sua principal razão para continuar na eterna busca de sua felicidade.

Luciano M. -Rio